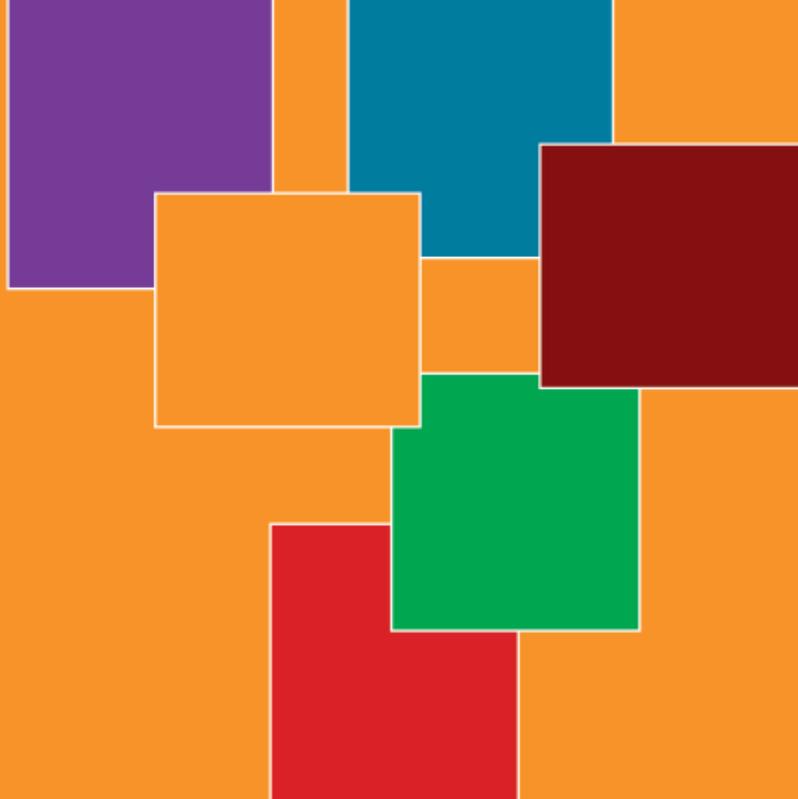


Séries/Anos Finais
do Ensino Fundamental



Guia de Livros Didáticos PNLD 2008

APRESENTAÇÃO

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Básica
Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

Presidente da República Federativa do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

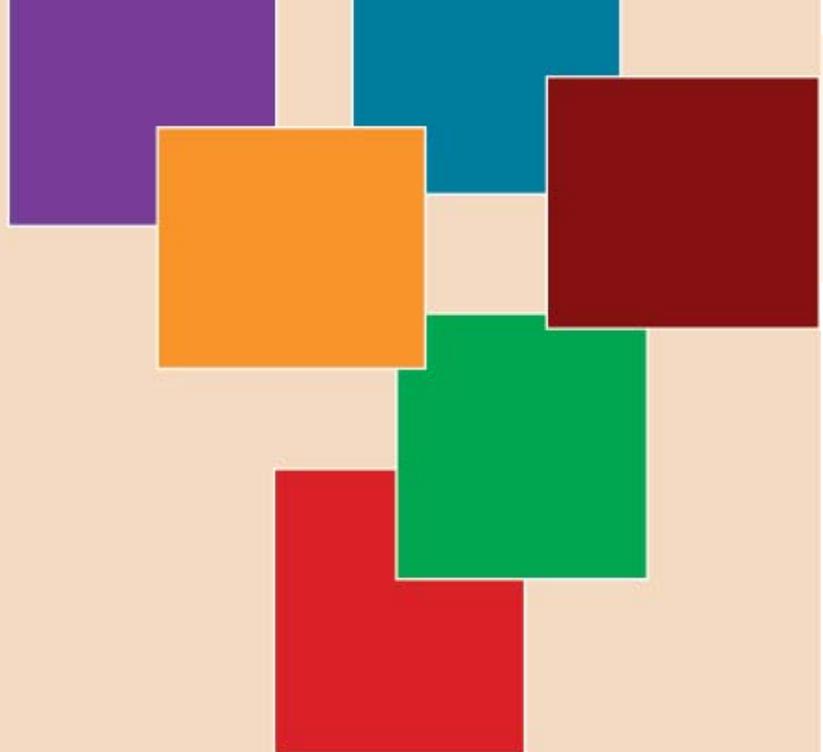
Ministro da Educação

Fernando Haddad

Secretário Executivo

José Henrique Paim Fernandes

Séries/Anos Finais
do Ensino Fundamental



Guia de Livros Didáticos PNLD 2008

APRESENTAÇÃO

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Básica
Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Secretário de Educação Básica – SEB

Francisco das Chagas Fernandes

Presidente do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE

Daniel Silva Balaban

Diretora de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental – SEB

Jeanete Beauchamp

Diretor de Ações Educacionais – FNDE

Rafael Torino

Coordenadora Geral de Estudos e Avaliação de Materiais – SEB

Jane Cristina da Silva

Coordenadora Geral dos Programas do Livro – FNDE

Sônia Schwartz Coelho

Equipe Técnico-Pedagógica – SEB

Andréa Kluge Pereira, Cecília Correia Lima,

Elizangela Carvalho dos Santos

Ingrid Lílian Fuhr Raad, José Ricardo Albernás Lima

Maria José Marques Bento, Tayana de Alencar Tormena

Equipe de Informática – SEB

Álery Amarante

Leandro Pereira de Oliveira

Estagiária

Gabrielle Tavares Pereira

Equipe Técnica – FNDE

Silvério Morais da Cruz

Neuza Helena Portugal dos Santos

Rosalia de Castro Sousa

Criação e Arte Final

Estação Gráfica

Brasília 2007

Ficha Catalográfica

Brasil. Ministério da Educação.

Guia de livros didáticos PNLD 2008 : apresentação / Ministério da Educação. — Brasília : MEC, 2007.

34 p. — (Anos Finais do Ensino Fundamental)

ISBN

1. Livro didático. 2. Avaliação. 3. Programa Nacional do Livro Didático. I. Título.

Sumário

| | |
|--------------------------------|----|
| Apresentação | 7 |
| É Hora da Escolha! | 9 |
| Bibliografia | 27 |
| Formulário da Escola | 28 |
| Preenchendo o formulário | 29 |
| Escolha pela Internet | 30 |
| Normas de Conduta | 30 |
| Recebendo os livros | 30 |
| Conservação e devolução | 31 |
| Remanejamento | 31 |
| Siscort | 32 |

Prezado Professor, Prezada Professora,

O Guia de Livros Didáticos - PNLD/2008 chega às escolas em um momento em que a educação pública brasileira passa por uma mudança significativa. A ampliação do ensino fundamental para nove anos representa a oportunidade de os alunos da rede pública entrarem mais cedo em contato com o universo letrado. Isso representa, para grande parte dos alunos, o aumento do tempo de permanência na escola, ampliando, também, as possibilidades de progresso na vida escolar.

A ampliação do Ensino Fundamental para nove anos exigirá uma adequação curricular e uma nova organização do tempo e do espaço da escola, de forma a atender desde as necessidades da criança que ingressa aos 6 anos de idade até as dos adolescentes dos anos finais do ensino fundamental. Essa mudança envolve as secretarias estaduais e municipais de educação, os conselhos escolares e, principalmente, as escolas, que deverão atualizar e reorganizar o projeto pedagógico, com vistas a atender às demandas geradas pela ampliação do ensino fundamental. Como é possível observar nos textos que compõem este Guia, a nomenclatura 5ª a 8ª série permanece, uma vez que a Lei nº 11.274/2006 estabelece o prazo até 2010 para que todos os sistemas tenham consolidado a mudança.

No que se refere às obras que constam do Guia, os textos apontam os aspectos significativos de cada uma delas, como forma de orientar o professor quanto à escolha de uma ou outra obra, tendo em vista a proposta pedagógica da escola.

No momento da escolha dos livros didáticos, é necessário salientar a importância da escolha autônoma e consciente: por mais que a avaliação seja um processo detalhado e criterioso, a leitura e análise dos textos do Guia pelos professores são imprescindíveis, pois somente o professor tem condições de decidir sobre o melhor material para auxiliá-lo em seu trabalho.

Pensando nisso, apresentamos, a seguir, uma série de reflexões acerca da escolha do livro didático como forma de contribuir para que essa etapa do cotidiano escolar possa transcorrer da forma mais consistente possível.

Ministério da Educação

É HORA DA ESCOLHA!

1. Para começo de conversa...¹

Este é o momento em que as escolas públicas de todo o País começam a decidir, no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que livros didáticos (LD) vão adotar a partir do próximo ano. Pensando nisso, apresentamos um conjunto de lembretes e dicas que, por meio da leitura dos textos do Guia, tornem mais ágil e proveitoso esse processo de escolha. O objetivo final é um só: colaborar para que o processo seja organizado, coletivo e consciente, em vez de um exercício apressado, solitário e irrefletido diante de uma lista de títulos.

2. Sendo assim...

Esse roteiro não é nem pretende ser completo. Cada região, cada escola, cada grupo de professores, tem a sua história e as suas particularidades, impossíveis de conhecer de antemão e à distância. Portanto, depois de fazer uma primeira leitura deste roteiro, verifiquem se não faltou algo importante. Em caso afirmativo, explicitem a lacuna e a discutam com os colegas; em caso de consenso, acrescentem e/ou adaptem o que for necessário.

3. Adotar um livro: um jogo e suas regras

A partir de agora, vocês vão “adotar um livro”. Já repararam nos sentidos que a palavra “adotar” implica? Então vejam o que nos diz a respeito o *Aurélio Eletrônico*, porque conhecer o sentido da palavra é a primeira regra desse jogo delicado:

Verbetes: adotar

[Do lat. *adoptare*.]

V. t. d.

1. Optar ou decidir-se por; escolher, *preferir*: “Entre mandar a carta ao destinatário e entregá-la a Sofia, adotou afinal o segundo alvitre” (Machado de Assis, *Quincas Borba*, p. 183).

2. Seguir, *abraçar*: Adotou a carreira do pai.

¹ Texto de autoria do Professor Egon Rangel, originalmente divulgado sob o título *Para não esquecer: de que se lembrar na hora de escolher um livro do Guia?*, com adaptações.

3. Tomar, *assumir*.

4. Aceitar, *acolher, seguir*: adotar um conselho.

5. *Pôr em prática*, em uso; praticar, aplicar: A nova república adotou o regime democrático.

6. *Atribuir (a um filho de outrem) os direitos de filho próprio*; perfilhar, legitimar.

7. Usar de, ou passar a usar de; tomar, assumir: “Insensivelmente adotei um tom de cerimônia.” (Domingos Monteiro, *Contos do Dia e da Noite*, p. 18.)

V. t. d. e i.

8. *Aprovar*; outorgar.

V. transobj.

9. *Admitir, aceitar; reconhecer*: Adotei-o por filho; Adotarei a criança como minha neta.

10. *Recorrer a*, valer-se de: Adotou a passividade como defesa.

V. int.

11. Jur. *Tomar por filho*; perfilhar, legitimar.

Como é fácil perceber, todos os sentidos destacados explicitam que adotar envolve uma *tomada de decisão consciente e responsável*, na medida em que nos compromete intimamente com o objeto da adoção. Isso não quer dizer, evidentemente, que não seja possível, depois de uma experiência concreta, rever e repensar o gesto. Antes pelo contrário: adotar um livro é usá-lo criticamente e, assim, ser capaz de fazer uma nova escolha, quando for o caso.

Mas não é só. O Programa Nacional do Livro Didático- PNLD é um programa nacional; portanto, de grandes proporções e extremamente complexo, com todas as vantagens e desvantagens dessa envergadura. Isto quer dizer, entre outras coisas, que a escolha do professor não é — nem pode ser — um ato idêntico ao de encomendar um livro em uma livraria. Daí a necessidade de conhecermos as regras básicas que organizam o funcionamento desse Programa, para garantir um resultado o mais próximo possível do desejado.

As condições a que o acesso ao livro desejado está submetido, no PNLD, são, *grasso modo*, as seguintes:

- *vigência de três anos*; — O livro escolhido só poderá ser substituído por outro título no próximo PNLD, ou seja, daqui a três anos. Portanto, não façam escolhas puramente individuais ou irrefletidas; isso pode dificultar e até impedir o trabalho da equipe. Discutam exaustivamente, decidam *como equipe*; e não se esqueçam de que três anos não são três dias. Em resumo: dadas as regras do jogo, o livro é, antes de mais nada, uma escolha *da escola*, com conseqüências de curto e médio prazos.
- *negociação do FNDE com autores e editores*; — Uma vez escolhido, o livro selecionado como primeira opção é negociado com os detentores dos direitos autorais. Os resultados nem sempre são os esperados, o que pode ocasionar a impossibilidade de aquisição da obra escolhida. Daí a importância da segunda opção, que deve ser tão “prá valer” quanto a primeira, para não comprometer todo o investimento da equipe e do próprio PNLD. Portanto, não será demais repetir: *a segunda opção também é uma opção*, e não pode ser desperdiçada com uma escolha aleatória. Por isso mesmo, deve envolver uma editora diferente da primeira, para evitar que eventuais obstáculos na negociação comprometam ambas as escolhas.
- *“reserva técnica” e seus limites* — a função da reserva técnica é a de constituir uma espécie de acervo de emergência, capaz de socorrer escolas em que, por algum motivo, o livro não chegou, ou chegou em quantidade insuficiente. Para evitar a formação de reservas com títulos variados mas em quantidades insuficientes para atender um número significativo de escolas, os livros que compõem esse acervo são apenas os dois mais escolhidos de cada disciplina no estado. Como pode acontecer de serem estes os livros que a sua escola venha a receber, procurem informar-se antes sobre os mais votados; e, no planejamento didático do ano letivo, considerem essa eventualidade. Assim, a equipe não será pega desprevenida.
- *o formulário a preencher* — uma vez escolhido o livro, é necessário preencher adequadamente o formulário, virtual ou impresso, que garantirá o pedido. Há regras estritas para isso; sigam rigorosamente as orientações. E não se esqueçam: se a escola optar por não usar LD nesta ou naquela série, nesta ou naquela disciplina, usem o recurso correspondente para informar o FNDE.

4. Um livro é um livro; nada mais que um livro?

Mas o que estará em jogo num programa como o PNLD? Em que estamos todos apostando, quando recorremos ao *livro* como recurso didático básico, tão básico que é assegurado a todos por um programa do Estado?

Ao contrário de instrumentos como o vídeo, por exemplo, o livro é o domínio por excelência da escrita. Por isso mesmo, é por meio dele que temos acesso privilegiado à cultura letrada. E como vocês já sabem, até mesmo por suas histórias pessoais, ler e escrever são competências básicas, tanto para a conquista progressiva da autonomia nos estudos, quanto para o sucesso escolar. Talvez por simbolizar todas essas promessas, o livro — assim como o caderno novo, de que nos fala João Cabral, em *Morte e vida severina* — é capaz de exercer um grande fascínio sobre o aprendiz, seduzindo-o de uma forma muito própria, como nesse trecho de um poema autobiográfico de Drummond:

Biblioteca verde

Papai, me compra a Biblioteca Internacional de Obras Célebres.

São só 24 volumes encadernados

em percalina verde.

Meu filho, é livro demais para uma criança.

Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo.

Quando crescer eu compro. Agora não.

Papai, me compra agora. É em percalina verde,

só 24 volumes. Compra, compra, compra.

Fica quieto, menino, eu vou comprar.

(...)

[Carlos Drummond de Andrade. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1992.]

Como vocês já devem estar imaginando, o LD pode, ainda que mais modestamente, ser algo como uma “biblioteca verde”, e não só para o garoto que tem pouco acesso ao mundo da escrita. Nesse sentido, nenhum livro será “livro demais para uma criança”, especialmente se essa criança puder senti-lo como “seu” e se o professor ajudá-lo nessa apropriação.

Em resumo, um livro é um livro; por isso mesmo, *é mais que um livro*, é uma desejada biblioteca verde, uma porta aberta para o mundo da escrita, para a “Cida-

de das Letras”² — e isso, em qualquer disciplina. Portanto, um LD bem escolhido, do qual professor e aluno possam fazer um bom uso, é essencial para o exercício da cidadania própria da “república das letras”, imprescindível para a plena conquista da outra.

5. E agora, vamos escolher os livros?

As coleções que se encontram no *Guia* diferem entre si, quer no grau de adesão aos critérios de qualidade, quer na forma com que organizam suas propostas didáticas, propiciando dinâmicas de trabalho às vezes bastante diferenciadas.

Para que a escolha reflita melhor a realidade de sua escola, seja mais adequada ao tipo de trabalho que a equipe desenvolve e evite o impasse do simples confronto de opiniões pessoais,

- **organizem-se em grupos e planejem a leitura e a discussão do Guia;** levem em conta as equipes ou grupos já existentes, reunindo-se por disciplina ou por turno, por exemplo. Programem o trabalho para os dias e horários mais adequados, recorrendo aos esquemas e cronogramas já previstos pela escola para planejamento e discussão pedagógicos.
- **não se esqueçam de que, no PNLD, a escolha de uma mesma obra para uma mesma disciplina vale para toda a escola.**

Para muitos professores, essa condição parecerá incômoda, um limite arbitrário para sua autonomia profissional. Entretanto, se o processo for democraticamente conduzido, ou seja, se garantir a participação efetiva de todos na discussão e na tomada de decisão, os benefícios dessa aparente limitação serão muitos. Em primeiro lugar, porque a discussão dos motivos que levam cada professor a preferir esta ou aquela obra contribui para a formação continuada de todos, na medida em que produz, passo a passo, os *critérios* e os *argumentos* em torno dos quais os consensos podem se estabelecer. Em segundo lugar, porque o uso de um único livro por uma mesma disciplina é uma referência importante para a organização prática do trabalho didático-pe-

² Este é um empréstimo compulsório. A vítima, agora, é Angel Rama, que, no livro a que deu esse título (São Paulo, Brasiliense, 1985), analisa a relação entre a cultura letrada latino-americana e seus correlatos políticos.

pedagógico; entre outras coisas, porque permite uma articulação mais estreita e mais ágil entre as equipes de diferentes turnos e séries. Alunos ou professores que mudem de turma ou de turno beneficiam-se diretamente desse recurso comum a um mesmo LD, na medida em que podem situar-se no andamento do curso com mais facilidade.

Por todos esses motivos, a escolha resultante de discussão e consenso torna-se um excelente recurso para fortalecer o trabalho coletivo e para ajudar tanto a construir quanto a “fazer acontecer” o projeto pedagógico e curricular da escola. E não podemos esquecer que essas práticas são fundamentais para criar e alimentar a cultura que dá vida a uma escola.

6. Lembretes, dicas e sugestões

A esta altura, já começamos a perceber com mais clareza como o LD pode ser importante no cotidiano do aluno e do professor, ajudando um e outro na organização do ensino e da aprendizagem. Considerando tudo o que já se disse, apresentamos, a seguir, um conjunto de lembretes, dicas e sugestões, a serem levados em conta pelo grupo de discussão, com o objetivo de favorecer uma escolha o mais bem sucedida possível.

6.1 O que dá a um livro o seu caráter e qualidade didático-pedagógicos é, mais que uma forma própria de organização interna, **o tipo de uso que se faz dele**; e os bons resultados também dependem diretamente desse uso. Logo, convém não esquecer: um livro, entendido como objeto, é apenas um livro. O que pode transformá-lo numa atraente “biblioteca verde” é o **uso adequado à situação particular de cada escola**. Podemos exigir — e obter — bastante de um livro, desde que conheçamos bem nossas necessidades e sejamos capazes de entender os limites do LD e ir além deles. Por isso mesmo, o melhor, em todo e qualquer livro, está nas oportunidades que ele oferece de acesso ao mundo da escrita e à cultura letrada; tal como nas páginas de internet, que são tão melhores quanto mais articulações ou *links* estabelecerem com outras páginas. Sendo assim, os livros que, *sem deixar de dar adequadamente o seu recado*, estimulem a leitura de outros, alimentem e orientem a curiosidade do professor e a de seus alunos, são preferíveis: como não simulam conter *tudo* o que seria necessário saber, não só não nos iludem como nos apontam outras metas. Seja como for, é importante verificar, ao escolher um desses livros, a que outras fontes de informação — como bibliotecas, obras de

referência e equipamentos — a escola poderá ter acesso. Muitas vezes, o bom uso de um LD depende de uma articulação adequada com esses outros tipos de recursos e materiais didáticos.

6.2 Seja qual for a área em questão, um LD não pode desconhecer as conquistas propiciadas pelas teorias da aprendizagem, especialmente a partir das grandes sínteses produzidas na década de 1980. Falando muito genericamente, pode-se dizer que as pesquisas desenvolvidas nessa área vêm acumulando descobertas que já nos permitem formular, com alguma precisão, como se processa a aprendizagem, o que nos tem obrigado a aposentar muitas crenças atualmente infundadas em que o ensino e a organização escolar se baseavam. Assim, a história recente da educação pode ser dividida, *grosso modo*, em duas grandes fases. A primeira delas, que chamaremos de *tradicional*, foi dominada pelas preocupações praticamente exclusivas com o ensino. As grandes questões, para os educadores, eram o quê e como ensinar, considerando-se os saberes disponíveis e os objetivos socialmente perseguidos em cada nível de ensino. O aluno — a pessoa “sem luzes”³ — pouco ou nada podia contribuir, em suas “trevas”, para a forma pela qual os educadores organizavam a progressiva chegada das luzes ao seu território. Na segunda fase é a aprendizagem, ou melhor, o que já sabemos a respeito dela, que comanda o ensino. Atentos aos movimentos, estratégias e processos típicos do aprendiz numa determinada fase de sua trajetória e num certo contexto histórico e social, os educadores procuram organizar situações e estratégias de ensino o mais possível compatíveis e adequadas. Nesse sentido, o esforço empregado no planejamento do ensino e na seleção e emprego de estratégias didático-pedagógicas em sala de aula acaba tomando *o processo da aprendizagem* como princípio metodológico de base.

6.3 Como toda e qualquer leitura proveitosa, a consulta ao *Guia* pressupõe propósitos bem definidos. Quem não sabe o que procura, dificilmente acha. Portanto, antes de ler, ***façam ao Guia as perguntas que vocês querem ver respondidas, em relação ao que cada livro pode oferecer.*** [Por que escolher um livro? O que

³ Circulou por muito tempo, entre os educadores, uma versão fantasiosa da etimologia de *aluno* que atribuía a essa palavra de origem latina a composição *a-lumnus*. O primeiro componente, *a-*, seria um prefixo com significado de “privação”; e o segundo seria uma das formas da palavra *lumen/luminis* (luz). Assim, *alumnus* significaria “sem-luzes”. Entretanto, tal como informam as professoras Maria Emilia Barcellos da Silva e Maria Carlota Rosa, da UFRJ, *alumnus* origina-se não de *lumen*, mas de um antigo particípio de *alere* (alimentar), e significava “criança de peito”, “criança que se dá para criar”. Seja como for, o desejo da escola de que “sem-luzes” fosse o significado da palavra e, por isso mesmo, o lugar próprio do aluno, explica a permanência do mito entre muitos pedagogos.

pretendemos de um LD? Por que o livro X? Para quê? Para quem? Com que consequências práticas possíveis?]

Uma estratégia interessante para chegar-se a perguntas pertinentes é a de **avaliar o livro atualmente em uso**, verificando em quê e por quê vocês estão — ou não — satisfeitos com ele:

- A *seleção de conteúdos* é adequada?
- A seqüência com que são apresentados obedece à *progressão da aprendizagem* planejada por sua escola?
- O conjunto dos conteúdos, assim como o *tratamento didático* dado a eles, é adequado para o seu aluno e está de acordo com o *currículo*?
- A *linguagem* é clara e precisa?
- O texto das explicações é acessível para os alunos?
- As atividades se preocupam em ajudar o aluno a entender o texto das lições?
- O livro do professor contribuiu o suficiente para um melhor uso do material?

Depois dessa primeira reflexão, vocês terão uma visão mais clara de suas necessidades e exigências, e poderão ler os textos do *Guia* com mais autonomia. Mas não é só. A reflexão pode ir além da experiência pessoal, dialogando com estudos de especialistas. A propósito, Gérard e Roegiers ⁴, pedagogos belgas que estudaram o assunto, lembram-nos que ***um LD, seja qual for sua área específica, deve preencher várias funções simultâneas***, tanto do ponto de vista do aluno quanto do professor. No que diz respeito ao aluno, um bom LD deve desempenhar, entre outras, as seguintes funções:

- ***transmissão de conhecimentos***; — Trata-se da mais direta e conhecida das funções de um LD, sem dúvida essencial, mas muitas vezes valorizada em excesso, em detrimento de outras, fundamentais para o desenvolvimento intelectual do aprendiz. Livros e materiais que se limitem a esta função oferecem apenas o mínimo indispensável a alunos e professores, em nada rompendo com a abordagem que estamos denominando como *tradicional*. Por outro lado, é importante verificar *quintos e quais* conteúdos foram selecionados pelo LD, assim como a *forma* como foram distribuídos e organizados ao longo das unidades.

Só assim vocês poderão saber se a escolha e o tratamento dado aos conteúdos estão de acordo com o planejamento da escola.

- **desenvolvimento de capacidades e competências;** — Esta é uma função essencial para a formação de cidadãos críticos e para o desenvolvimento progressivo da autonomia nos estudos, razão pela qual um bom material não pode deixar de contemplá-la satisfatoriamente. É no tratamento dado a esse quesito que podemos verificar se o LD de fato trata a criança como *aprendiz*, ou seja, como um *sujeito* que toma parte ativa no processo de ensino/aprendizagem, ou como um simples recipiente para conteúdos escolhidos à sua revelia. É aqui, portanto, que vocês poderão aquilatar mais claramente tanto o envolvimento do LD com as pesquisas mais recentes na área, quanto o seu compromisso com a aprendizagem. Exercícios exaustivos de memorização e perguntas com as respostas explicitadas no texto imediatamente anterior são recursos que podem levar o aluno a *acertar* a resposta, sem, no entanto, *compreender* o que faz e *aprender* algo novo.
- **consolidação de conhecimentos práticos e teóricos adquiridos;** — Este fator é muito relevante para que o aluno incorpore o aprendido aos contextos particulares e ao seu cotidiano. Nesse quesito, de acordo com as pesquisas citadas por GÉRARD & ROEGIERS, o caminho mais adequado para uma efetiva apropriação dos conhecimentos pelo aluno é o *indutivo*, na medida em que é por esta via que a própria criança pode sistematizar e organizar o conhecimento, *apropriando-se dele*. Isso não quer dizer, evidentemente, que os processos dedutivos devam ser banidos do ensino, mas sim que o tratamento didático dos conteúdos, no LD, deve prever, em momentos chave da aprendizagem pretendida — como o momento em que se introduz um novo objeto de conhecimento — um caminho essencialmente indutivo. Por outro lado, a consolidação do conhecimento não deve limitar-se à memorização pura e simples; atividades e exercícios *de aplicação* do conhecimento a novas situações são mais eficazes que as inúmeras repetições.
- **avaliação dos conhecimentos práticos e teóricos adquiridos;** — Por meio desta função, o LD pode contribuir tanto para a localização das eventuais dificuldades de aprendizagem, quanto para a sua supera-

ção. Por isso mesmo, um bom LD inclui a avaliação e a auto-avaliação do aluno — na forma de orientações e fichas de controle, por exemplo — entre as estratégias didático-pedagógicas de que se vale. E como é preciso saber o quê e para quê se avalia, é importante que o LD deixe muito claros os objetivos a serem atingidos pelo estudante.

- **referência para informações precisas e exatas.** — Às vezes pouco explorado, este é um aspecto do LD que pode atribuir-lhe um caráter suplementar de obra de referência, quer nos momentos de estudo individual em casa, quer na solução de dúvidas pontuais. Por isso mesmo, o LD pode — e deve — funcionar também como fonte para o estudo individual.

Considerando esse conjunto de funções chave, procurem verificar, nos textos do *Guia*, quais as contempladas e quais as mais trabalhadas em cada LD. Em particular, não se contentem com a pura e simples transmissão de conhecimentos; verifiquem se as atividades e exercícios propostos desenvolvem de fato competências e habilidades do aprendiz; e dêem preferência aos LD mais completos e equilibrados, no que diz respeito aos serviços prestados ao aluno.

Do ponto de vista do professor, um bom LD deve desempenhar funções como:

- **informação científica e geral;** — Como não se pode conhecer *tudo* nem estar atualizado *em tudo*, uma função importante do LD está na qualidade, correção e atualização das informações científicas e gerais que apresenta. Quanto mais detalhadas e de melhor qualidade, para os objetivos do ensino, mais essas informações podem colaborar em sua tarefa de ensinar conhecimentos pertinentes e confiáveis.
- **formação pedagógica diretamente relacionada à disciplina em questão;** — Transformações e conquistas ocorridas numa área do saber implicam, também, mudanças em relação ao *quê* e ao *como* ensinar, como já vimos. Por esse motivo, ao incorporar adequadamente esses avanços, o bom LD contribui para a sua formação continuada.
- **ajuda no desenvolvimento das aulas;** — Ser um roteiro ou um plano detalhado para aulas e cursos é uma das funções mais conhecidas do

LD, no Brasil. Na medida em que pretenda funcionar como um *manual*, todo LD deve desempenhar correta e adequadamente esta função; mas não pode prescindir do professor. Ou seja, não pode transformar vocês, professores, em simples monitores do livro. A interação, o diálogo em que o docente desempenha um papel ativo e crítico, em relação às propostas, deve ser o caminho buscado pelo LD. Da mesma forma, o professor deve sempre pensar nos usos diferenciados que um LD pode permitir, como alterações de seqüências, atividades complementares, aspectos diversos da realidade local etc.

- **ajuda na avaliação dos conhecimentos práticos e teóricos adquiridos.**
— Ainda sem querer substituir o professor, o LD deve contribuir para a avaliação da aprendizagem que propõe, uma vez que toda situação de ensino e de aprendizagem busca validar e mesmo legitimar, do ponto de vista do reconhecimento social, as competências, habilidades e conteúdos desenvolvidos.

Assim, levantar as principais funções cumpridas por um LD, do ponto de vista do professor, contribuirá para a escolha dos livros mais adequados a suas necessidades. Nesse quesito, procurem sempre as obras que subsidiem mais adequadamente o trabalho, assim como as que ofereçam maiores oportunidades para o crescimento profissional e pessoal de vocês, principais interessados em todo esse processo.

E no que diz respeito à reflexão sistemática sobre os aspectos mais específicos de cada disciplina, vocês poderão recorrer às fichas utilizadas na avaliação, que vêm reproduzidas no volume específico de cada área.

6.4 Considerando a discussão precedente, um primeiro conjunto de perguntas aparece como estratégico para a definição da escolha, em função das consequências que suas respostas poderão acarretar para o trabalho de toda a equipe. É por isso que vem lembrado aqui.

O LD em análise é compatível com:

- as conquistas propiciadas pelas pesquisas em aprendizagem, tais como referidas nos itens 6.1 a 6.3?
- o projeto pedagógico e curricular da escola?
- a flexibilidade para as explorações diversificadas que o uso coletivo demanda?

- a infra-estrutura (equipamentos, recursos) e as condições de trabalho de que vocês podem dispor?
- as possibilidades de articulação e de trabalho conjunto propiciadas por sua escola?

6.5 Uma outra questão a enfrentar é a da organização curricular de base adotada na escola: série ou ciclo? Por força de uma tradição escolar bastante conhecida, as coleções incluídas no *Guia*, na quase totalidade dos casos, ainda seguem o princípio da seriação. Entretanto, muitas de nossas escolas pautam-se pelos ciclos. O que fazer? Nesse momento, é bom não perdermos de vista o que está em jogo nessa oposição entre os dois sistemas, para que se entenda em que medida um mesmo material pode — ou não — servir a duas propostas de organização do tempo diferentes.

Antes de mais nada, lembrem-se de que a organização por ciclos pretende, em princípio,

- evitar a rigidez, inerente ao sistema seriado, na definição de prazos para o ensino/aprendizagem dos diferentes tipos de conteúdos;
- compatibilizar o ritmo geral pressuposto pela progressão curricular da escola com as diferenças particulares que se constatam entre tipos diversos de aluno;
- possibilitar que os compromissos pedagógicos de base de cada ciclo — como a alfabetização e a proficiência em leitura e escrita de determinados gêneros e tipos de texto — possam ser assumidos em conjunto por todas as disciplinas e professores do ciclo em questão.

Seja como for, tanto quanto no sistema seriado, a programação de cada ano letivo permanece como uma referência básica para o trabalho escolar. Portanto, a diferença essencial entre um e outro sistema está numa orientação pedagógica que, se bem entendida e assumida, pode conviver sem maiores contradições com materiais e mesmo com sistemas seriados. Evidentemente, será preciso fazer do LD escolhido um *uso condizente* com os *princípios do ciclo* — o que seria necessário fazer mesmo que o livro escolhido fosse organizado em ciclos. Assim, vocês deverão, por exemplo, determinar os momentos (e mesmo as seqüências) em que as unidades ou lições do LD, nas séries ou volumes que cobrem o período letivo previsto para o ciclo em questão, serão exploradas em sala de aula. Para exemplificar

com o caso muito discutido pelos professores dos dois ou três primeiros anos de escolarização: os materiais disponíveis para alfabetização e primeira e segunda séries formam um conjunto de recursos que uma escola organizada por ciclos pode utilizar adequadamente — ou seja, de acordo com um plano próprio — *ao longo* dos dois ou três anos previstos para o primeiro ciclo.

Assim, enquanto não dispomos de coleções pensadas especialmente para as novas e diversas ordenações do tempo e do currículo, a preocupação principal dos professores de escolas com o tempo organizado em ciclos deve ser não com a existência de coleções assim organizadas, mas com *a compatibilidade da proposta pedagógica dos LD com as concepções de base do projeto pedagógico da escola*, assim como com as semelhanças e diferenças de distribuição de conteúdos ao longo dos anos letivos previstos em cada ciclo. Cada volume de uma coleção seria-
da deverá, portanto, adequar-se à programação curricular prevista para um bloco ou para um ano letivo do ciclo correspondente.

6.6 O LD, em qualquer disciplina, é um instrumento fundamental (às vezes praticamente único) do acesso da *criança popular* à leitura e à cultura letrada. A propósito, Darcy Ribeiro utilizava essa expressão para sublinhar uma característica fundamental de boa parte das crianças que freqüentam nossas escolas públicas. Em sua maioria oriundos de camadas populares, meninos e meninas da escola pública fazem parte de uma cultura que a escola vem desconhecendo e, em muitos casos, negando. Sem poder aprofundar adequadamente o assunto, ainda assim convém lembrar dois de seus traços básicos:

- muito embora não desconheça a escrita, trata-se de *uma cultura eminentemente oral*, com pouco convívio com materiais escritos e pequena familiaridade com o funcionamento próprio da língua escrita;
- apesar das muitas *diferenças lingüísticas de caráter regional* — há regiões marcadas pela presença indígena; outras, pela influência negra; em certos lugares, os imigrantes europeus é que dão o tom; e assim por diante — todas essas crianças falam, e tendem a escrever, o *português popular* do Brasil, que se diferencia do português culto em aspectos como o vocabulário, a estrutura das palavras, a morfologia verbal e nominal, a colocação pronominal, a estrutura da frase, a forma de organizar a fala etc.

Isso significa que a escola, como porta-voz e agente de uma outra cultura e de uma outra linguagem, não pode se comportar como se a cultura e a linguagem de origem do aluno fossem erradas ou deficientes, pelo simples fato de não serem a cultura e a linguagem a que o conhecimento formal e os conteúdos escolares estão associados. Caso contrário, a atitude da escola será discriminatória e, portanto, incompatível com o ensino/aprendizagem e com o pleno exercício da cidadania.

Assim, em lugar de estigmatizar a linguagem do aluno e supervalorizar o português culto, a escola deve *planejar a forma como vai difundir a escrita*, a cultura letrada e as normas urbanas de prestígio⁴, colaborando para a sua progressiva incorporação por parte da criança popular. Nesse sentido, a atitude politicamente correta, assim como a clareza e a fluência da linguagem empregada pelo LD — ou seja, a **legibilidade dos textos** — têm um *valor estratégico* da maior importância. Portanto, dêem preferência aos livros mais legíveis, que **valorizem e estimulem o aluno como leitor em formação**. E aproveitem a oportunidade para discutir, sem qualquer preconceito, as semelhanças e diferenças entre a linguagem escrita do LD e a fala da maioria dos alunos.

Por outro lado, não se esqueçam de que a legibilidade não depende só do texto; depende também de uma adequada mediação da leitura por parte do professor. Lendo com o aluno os trechos mais complexos, propondo “traduções” possíveis, estabelecendo semelhanças e diferenças entre formas diversas de dizer/escrever, ajudando a criança a desenvolver estratégias de leitura eficazes, vocês estarão colaborando significativamente para a formação do jovem leitor.

Um meio interessante de fazer essa mediação consiste em explicitar para o aluno as estratégias por meio das quais vocês mesmos são capazes de vencer dificuldades de entendimento de um texto. Como vocês procuram, no próprio texto, as informações e as pistas necessárias para entender o que lêem? Como elaboram suas hipóteses a respeito do que não está dito com todas as letras? Como vocês verificam se essas hipóteses estão corretas? Quando recorrem a um dicionário ou a uma enciclopédia? Como as ilustrações, gráficos, tabelas podem contribuir para a (re)construção dos sentidos?

⁴ Em substituição à expressão “norma culta”, *normas urbanas de prestígio* é um termo técnico recente, introduzido para designar os falares urbanos que, numa comunidade lingüística como a dos falantes de português do Brasil, desfrutam de maior prestígio político, social e cultural e, por isso mesmo, estão mais associados à escrita, à tradição literária e a instituições como o Estado, a Escola, as Igrejas e a Imprensa.

É claro que cada pessoa tem um jeito próprio de ler, desde as estratégias de aproximação — Comprar ou emprestar? Folhear antes ou não? “Dar uma geral” no livro ou ir direto ao capítulo? — até as técnicas de processamento do texto, ou seja, as operações que precisamos realizar para, ao percorrê-lo linha por linha, atribuir sentidos às palavras, expressões, frases, parágrafos, entrelinhas. Mas por maiores que sejam as diferenças individuais de leitura, quando você *fala* o que faz e como faz quando lê, você estimula o estudante a se pôr nesse mesmo lugar, e a pensar em si próprio como leitor. Assim, ele também poderá falar sobre sua maneira de ler, estabelecendo-se um diálogo proveitoso para ambos: o aluno terá acesso a uma forma mais madura de ler; e você entenderá melhor como ele lê, podendo interferir com mais eficácia nessa aprendizagem. E afinal, é exatamente de trocas desse tipo que vivem as comunidades leitoras, até as mais sofisticadas.

Se quiserem uma ajuda técnica tanto para perceber em vocês mesmos como acontece a leitura quanto para entender e ajudar o aluno, há muita coisa para ler. Entre elas, vale a pena citar, pela facilidade de acesso e pela clareza da exposição, três livros escritos especialmente para o professor que não é especialista em ensino de leitura:

- *Texto e leitor*, da professora e pesquisadora Angela Kleiman, da UNICAMP, editado em Campinas pela Editora Pontes (6ª ed., 1999);
- *Como facilitar a leitura*, das professoras e pesquisadoras Lúcia Fulgêncio e Yara Liberato, da UFMG, publicado pela editora Contexto, de São Paulo (4ª ed., 2000);
- *Estratégias de leitura*, da professora espanhola Isabel Solé, publicado no Brasil pela Ed. Artes Médicas de Porto Alegre (6ª ed., 1998).

6.7 Como já vimos, cada disciplina tem **uma forma característica de construir conhecimentos** e, portanto, de organizar o pensamento e estruturar a explicação e a argumentação próprias da área. Um problema matemático, uma explicação gramatical, um conceito científico, um fato histórico ou uma paisagem geográfica não se formulam da mesma maneira; tampouco se argumenta nos mesmos moldes, em cada uma dessas áreas. Reconhecer e entender essas maneiras particulares de dizer/escrever, na construção do conhecimento, *faz parte da aprendizagem dos conteúdos específicos de cada disciplina*. Por isso mesmo, será mais adequado — e mais recomendável — o livro que souber ensinar a linguagem própria com que cada disciplina trata seus conteúdos. Nesse sentido, o LD funcionará melhor como instrumento para a mediação de leitura que é parte do ensino de qualquer área.

6.8 Para cumprir seus objetivos didático-pedagógicos, cada livro seleciona certos conteúdos em detrimento de outros, e os organiza de acordo com um determinado plano e numa certa seqüência. Nesse gesto — e ocupando o lugar do professor — o LD:

- efetua uma seleção da matéria a ser dada;
- estabelece para ela um certo tipo de abordagem e um tratamento didático particular;
- propõe um trajeto próprio para sua exploração.

Verifiquem se essas opções estão de acordo com o projeto e o **currículo** da escola para a disciplina em questão e se envolvem uma **progressão** adequada (de uma série para outra e no interior de cada uma delas). Nesse momento, é fundamental voltar a lembrar que a unidade é a coleção, e não o volume isolado. O que é uma excelente oportunidade para garantir, entre outras coisas, um planejamento e um agir didático-pedagógico mais coesos, assim como uma progressão satisfatória da aprendizagem.

6.9 O Manual do Professor é uma peça chave para o bom uso do Livro Didático. Um manual adequado deve ao menos *explicitar a proposta* didático-pedagógica que apresenta, descrever a organização interna da obra e orientar o docente em relação ao seu manejo. É desejável, ainda, que explicitie seus fundamentos teóricos e que indique e discuta, no caso de exercícios e atividades, as respostas esperadas. É com um bom Manual do Professor, portanto, que o LD cumpre mais adequadamente sua função de formação pedagógica específica, assunto de que tratamos no item 6.3.

6.10 Por fim, uma sugestão (que é também uma dica e um lembrete): façam todo o esforço possível para, uma vez escolhido o livro, **transformar os grupos responsáveis pela escolha em equipes de acompanhamento, discussão e avaliação do uso**. Será função desse grupo, entre outras coisas,

- planejar coletivamente a exploração didática do livro ao longo do ano;
- reunir-se periodicamente para trocar experiências, de acordo com uma agenda combinada de antemão, sempre combinada com o calendário escolar;
- (re)avaliar tanto o livro quanto os seus diferentes usos, do ponto de vista da *eficácia em sala de aula* e, portanto, da prática docente.

Por meio desses grupos, será possível otimizar os esforços pessoais e programar atividades de adaptação, complementação e superação do próprio trabalho proposto pelo LD. Programar a exibição de filmes, a realização de atividades conjuntas, pesquisas e mesmo projetos pensados por disciplina, por ciclo, por temas transversais, torna-se então uma possibilidade efetiva, e não um desejo eternamente adiado.

Lembrem-se de recursos e materiais correlatos, sempre disponíveis, e aos quais será possível recorrer em cada fase do trabalho. A **biblioteca escolar** e, especialmente, os dicionários distribuídos pelo PNLD e os **acervos distribuídos pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola**, poderão, nesse momento, desempenhar um papel inestimável no estabelecimento da rede necessária entre o LD e o mundo da escrita. Aliás, organizar ou incrementar a biblioteca é uma tarefa imprescindível, e não só para dar ao LD a sua mais legítima ambiência, mas também para trazer uma amostra representativa da cultura letrada para um convívio direto e inadiável com a criança popular. Uma proposta então se impõe: manter na biblioteca escolar um exemplar de cada coleção de LD já utilizada, para, assim, constituir-se uma base importante para consultas, no momento da escolha, e para traçar-se o trajeto das equipes e da própria escola, em sua relação com o LD. Outra providência importante: sempre que oportuno, levar para a sala de aula jornais e revistas. Além de relativamente baratos e de fácil acesso, muitas vezes são objeto de doação por parte dos próprios editores, quando devidamente contatados.

Às vezes, é possível conectar o computador da escola com a **internet** e aí... as possibilidades se multiplicam. Páginas governamentais como a do MEC e as de ONGs, especialmente as voltadas para a educação, poderão trazer grandes contribuições ao seu trabalho. Há ainda os programas da **TV Escola**, sempre atentos às necessidades e ao cotidiano da escola pública brasileira. Além disso, muitos programas locais e nacionais podem oferecer boas oportunidades de, ao fazer o que o LD não pode fazer, aprofundar e expandir as conquistas por ele propiciadas.

7. Depois da escolha: cuidados com o manuseio e a conservação do livro.

Como deve durar três anos, e, portanto, passar por ao menos três alunos, o LD não pode ser manuseado de qualquer maneira. Trocando em miúdos, o LD distribuído pelo PNLD precisa ser conservado, o que nos coloca diante da necessidade de regulamentar o uso pessoal de um recurso *da escola* e, portanto, do coletivo dos

alunos. Assim, abre-se uma excelente oportunidade para levar o aluno a entender o que é — e porque se deve regulamentar — **o uso da “coisa pública”**, levando a criança a entender que os seus direitos sobre o livro terminam quando começa o das demais crianças.

Nesse sentido, o bom manejo do LD envolve, já de saída, a aprendizagem e o exercício da ética necessária ao convívio social e à construção da cidadania. Cuidar do livro, ajudar a conservá-lo, é, ainda, aprender o sentido da preservação do *patrimônio público*. É bom lembrar que encapar, encadernar etc., podem ser não só apenas trabalhos manuais, mas formas de viver o respeito, o afeto e o fascínio pela “biblioteca verde”.

ATENÇÃO:

Lembramos que os sistemas têm até 2010 para implementar o Ensino Fundamental de 9 anos, com o ingresso das crianças de 6 anos. Por isso, optamos por manter a terminologia 5^a a 8^a série e orientamos os professores a estabelecerem a seguinte correlação:

Ensino Fundamental de 8 anos:

anos iniciais: 1^a a 4^a série
anos finais: 5^a a 8^a série

Ensino Fundamental de 9 anos:

anos iniciais: 1^o ao 5^o ano
anos finais: 6^o ao 9^o ano

Bibliografia

BATISTA, Antônio Augusto Gomes et alii. *Programa Nacional do Livro Didático: histórico e perspectiva*. Brasília, SEF/MEC, 2000.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes & VAL, Maria da Graça Costa (orgs.). *Livros de alfabetização e de português: os professores e suas escolhas*. Belo Horizonte, CEALE/Autêntica, 2004. (Educação e Linguagem)

BRASIL. SEF/MEC. *Referenciais para a formação de professores*. Brasília, SEF/MEC, 1999.
ESTADO DA BAHIA. SE/SUPEN/CRD. *Utilização dos recursos didáticos*. Salvador, SE/SUPEN/CRD, 2000.

ESTADO DE SANTA CATARINA. SEED/DIEF. *Considerações sobre análise e escolha de livros*. Florianópolis, SEED/DIEF, 1999.

ESTADO DE SANTA CATARINA. SEED/DIEF. *Seleção de livros didáticos; 1ª série do ensino fundamental*. Florianópolis, SEED/DIEF, 1999.

ESTADO DE SÃO PAULO. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. FDE. *Pesquisa: leitura na rede estadual de ensino*. São Paulo, FDE, 1992.

GÉRARD, François-Marie & ROEGERS, Xavier. *Conceber e avaliar manuais escolares*. Porto, Porto Ed., 1998. (Ciências da Educação, 30)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL DA FRANÇA. *A escolha de um manual: uma aposta pedagógica*. Paris, Ministério da Educação Nacional, s/d. [Trad.: Maria Luiza Nogueira]

PEREIRA, Tereza Nêuman Cândido. Coord. *Convivendo com os usos da escrita antes da escola*. Brasília, MEC/INEP, 1994. (Série Documental; Relatos de Pesquisa)

SOARES, Magda. *Letramento; um tema em três gêneros*. Belo Horizonte, Autêntica, 1998.

ATENÇÃO

Este formulário deverá ser utilizado apenas para transcrever, à caneta, os códigos das coleções e livros escolhidos, devendo ficar arquivado na escola para o controle da sua escolha.

**Não deverão ser utilizadas etiquetas neste formulário.
LEIAM AS INSTRUÇÕES NA PÁGINA 29**

Nome do responsável pela Escola:

Local:

Data:

CPF:

.....
assinatura**LÍNGUA PORTUGUESA**

1ª OPÇÃO

2ª OPÇÃO

MATEMÁTICA

1ª OPÇÃO

2ª OPÇÃO

CIÊNCIAS

1ª OPÇÃO

2ª OPÇÃO

GEOGRAFIA

1ª OPÇÃO

2ª OPÇÃO

HISTÓRIA

1ª OPÇÃO

2ª OPÇÃO

Instruções para preenchimento do Formulário de Escolha (Carta-Resposta – FNDE) para o PNLD/2008

1. Confirmam os dados da escola constante no formulário **“Carta-Resposta – FNDE”**;
2. Leiam o Guia do PNLD/2008, Formulários e Caderno de Apresentação;
3. Preenchem os dados solicitados no formulário **“Carta-Resposta – FNDE”** (Local, data, nome, CPF e assinatura do responsável pela escola);
4. Façam a escolha de 1ª e 2ª opção. A 2ª opção serve como alternativa, no caso de não ser possível a compra pelo FNDE da 1ª opção. Por isso, as opções devem ser de editoras diferentes;
5. Antes de colarem as etiquetas auto-adesivas no formulário **“Carta-Resposta – FNDE”**, confirmam, atentamente, se a etiqueta destacada refere-se à coleção escolhida;
6. Destaquem do conjunto de etiquetas e cole no formulário **“Carta-Resposta – FNDE”** as etiquetas nos locais corretos, exatamente nos retângulos, observando a coincidência de cores, para não ocasionar erros de leitura dos códigos de barra, o que prejudicaria as suas escolhas;
7. Não sobreponham as etiquetas! Isso impossibilitará a leitura do código de barras, prejudicando a escolha de sua escola;
8. Não utilizem formulários ou etiquetas de programas anteriores;
9. Escolham apenas títulos/ códigos que constem do GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS – PNLD/2008;
10. Não rasurem, nem escrevam nas etiquetas;
11. Caso a escola não deseje receber um ou todos os componentes curriculares, deverá colar a etiqueta auto-adesiva “não deseja receber livros” nos respectivos componentes;
12. Atenção! As opções do componente curricular não preenchidas com as etiquetas auto-adesivas serão atendidas com os títulos mais escolhidos do município/estado;
13. Dobrem o formulário **“Carta-Resposta – FNDE”**, cole no local indicado e entreguem na agência dos Correios mais próxima. Não é preciso selar o formulário;
14. A escola deverá optar por uma das duas formas de escolha: pela Internet ou pelo formulário. Caso haja a escolha pelas duas formas, prevalecerá a escolha feita pelo Formulário Impresso;
15. Não serão aceitas escolhas feitas por meio de ofício, fax, etc.

Escolha do livro pela Internet

Graças às novas tecnologias de tratamento de dados, vocês professores, podem também, escolher os livros didáticos pela Internet, na página eletrônica do FNDE (www.fnde.gov.br).

Esse processo permite a substituição dos formulários impressos, economizando tempo e dinheiro, evitando os atrasos e as perdas, gerando benefícios para todos.

Normas de Conduta

Um ponto que é muito importante observar é a importância da participação do professor e dos profissionais da educação no processo de escolha das obras, que deve ser realizada pela escola com autonomia, de forma totalmente isenta de interferências externas. Para isso, e atendendo ao anseio daqueles que realizam as escolhas, o FNDE regulamentou as formas de divulgação dos livros do PNLD, que estão dispostas na Portaria Ministerial MEC 2.963, de 29/08/2005, ou naquela que vier a substituí-la, intitulada Normas de Conduta, a qual está disponível no site www.fnde.gov.br. Nessa Norma estão descritas as obrigações e proibições por parte das instituições que participam do PNLD, em especial naquilo que se refere ao processo de escolha dos livros.

Recebendo livros

A distribuição dos livros didáticos, relativos ao PNLD/2008, será operacionalizada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE.

Sua escola receberá até 31/12/2007, pelo PNLD/2008, livros didáticos de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia para todos os alunos de 5ª a 8ª séries/6º ao 9º ano.

O FNDE enviará uma carta azul com informações dos quantitativos de livros adquiridos para a sua escola, que deve ser utilizada para conferência das encomendas entregues pelos Correios. Além disso, a escola poderá também conferir os livros recebidos, em relação a sua escolha, por meio da correlação dos códigos das coleções e dos códigos dos respectivos livros, constantes do Selo do PNLD/2008 e da lista disposta no final deste Caderno de Apresentação.

Fiquem atentos! Se não receberem os livros até dia 31/12/2007 procurem a Agência Correios mais próxima e solicitem informações sobre o destino dos livros remetidos à sua escola.

A quantidade de livros adquiridos, postados e entregues para sua escola, também pode ser verificada em “DISTRIBUIÇÃO PNLD/PNBE/PNLEM” disponível no site do FNDE na Internet www.fnde.gov.br.

Conservação e devolução dos livros

Cada aluno tem direito a um livro de cada disciplina que será utilizado durante o ano letivo. Confeccionado com uma estrutura física resistente, o livro deve ser reutilizado, no mínimo, por três anos consecutivos, beneficiando mais de um estudante nos anos subsequentes. Exceção feita ao livro Alfabetização e aos livros de 1ª série/2º ano. Para isso, ressalta-se a necessidade da conscientização e do envolvimento dos alunos, professores, pais e comunidade para garantir que os livros do PNLD sejam conservados e devolvidos à escola após o seu uso.

Conforme prevê a Resolução nº 30, de 04/08/2006, as escolas, por meio da direção, da coordenação e dos professores devem desenvolver ações no sentido da conservação e devolução dos livros, orientando o aluno a encapar os livros, não riscar, sujar ou rasgar, e nem retirar páginas. Os alunos, por sua vez, devem ter alguns cuidados para o manuseio e guarda dos livros tais como: não manusear o livro enquanto come ou bebe mantendo-o distante de líquidos, de lugares úmidos e da chuva; não usar marcadores que possam deformar o livro ou segurá-lo pelas páginas ou pela capa; não sentar sobre o livro e nem dobrar suas páginas; não escrever no livro e guardá-lo de forma apropriada fora de lugares sujos ou empoeirados.

Todos esses cuidados são importantes e devem ser tomados durante toda a vida útil do livro, para que ao final de cada ano os alunos devolvam os livros em condições adequadas à sua reutilização por outro estudante no ano subsequente. E lembre-se: se houver a conservação do livro e a sua devolução no final do ano, não irá faltar livros na sua escola.

Remanejamento

Mesmo com a conservação e devolução, ao se considerar o grande fluxo de alunos, podem ocorrer a sobra ou a falta de exemplares nas escolas. Para isso,

conforme Resolução nº 30, de 04/08/2006, a Escola obriga-se a informar para outras escolas, ou para as Secretarias Municipais e Estaduais de Educação, a existência de livros sobrando, livros que não estão sendo utilizados, bem como cadastrar no Siscort as matrículas, livros devolvidos, livros não utilizados e os remanejamentos efetuados no ano em curso.

No caso de falta de livros a escola poderá consultar no Siscort a existência de sobras de livros em outras unidades escolares, ou mesmo recorrer pessoalmente a elas ou às secretarias de educação, visando atender a todos os alunos, por meio do remanejamento.

Atenção: não deixe livro sobrando na escola e nem faça reserva de livros. Remaneje sempre, pois caso contrário outro aluno poderá ficar sem livro.

Siscort

Para facilitar o controle sobre a devolução do livro, bem como auxiliar no remanejamento por parte das escolas, o FNDE desenvolveu o Sistema de Controle de Remanejamento e Reserva Técnica –SISCORT, para dar mais transparência na execução do PNLD, auxiliar o remanejamento dos livros nas escolas, municípios e estados, bem como assessorar a Secretaria do Estado, do Município Capital ou Regional de Ensino na distribuição da Reserva Técnica.

O SISCORT é um serviço gratuito, on-line, disponibilizado na Internet, no site do FNDE (www.fnde.gov.br), que permite às escolas, por meio de senha, registrar a quantidade de alunos matriculados, consultar a Reserva Técnica e a registrar a devolução dos livros pelos alunos no final do ano letivo.

Este Sistema, além de viabilizar o controle gerencial do PNLD por todos os seus órgãos gestores, constitui-se medida relevante para a implementação de uma política que visa assegurar a entrega de livros a todos os alunos. É, também, responsabilidade da escola a garantia de seu sucesso e efetividade.

Em caso de dúvida, ligar para o Serviço de Atendimento ao Cidadão: Tel. 0800 616161 (ligação gratuita).

